

Graphos

Revista da Pós-Graduação em Letras da UFPB

VOL. 21, Nº 2

2019

Universidade Federal da Paraíba

Reitora

Margareth de Fátima Formiga Melo Diniz

Programa de Pós-Graduação em Letras

Coordenadora

Ana Cristina Marinho

Revista Graphos

Editores-Chefes

Marta Pragana Dantas

Roberto Carlos de Assis

Conselho Consultivo

Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne

Luiz Antônio Mousinho

Sandra Amélia Luna Cirne de Azevedo

Revisores

Anderson Gustavo Silva Macedo

Thiago Fernandes Dantas

Ilustração da Capa

Adriana Cláudia de Sousa Costa

Organizadores do Dossiê

DOSSIÊ: POESIA, REVISÃO HISTORIOGRÁFICA E AUTORIA

Elaine Cristina Cintra (Universidade Federal da Paraíba, Brasil)

Éverton Barbosa Correia (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil)

Conselho Editorial

Diógenes Buenos Aires de Carvalho (Universidade Estadual do Piauí, Brasil)

Felipe Munita (Universidad Autónoma de Barcelona, Espanha)

Gabriela Rodella de Oliveira (Universidade Federal do Sul da Bahia, Brasil)

Genilda Azerêdo (Universidade Federal da Paraíba, Brasil)

Karine Rocha (Universidade Federal de Pernambuco, Brasil)

Laura Beard (University of Alberta, Canadá)

Lawrence Venuti (Temple University, Estados Unidos da América do Norte)

Liane Schneider (Universidade Federal da Paraíba, Brasil)

Márcia do Amaral Peixoto Martins (Pontifícia Universidade Católica, RJ, Brasil)

Maria do Amparo Tavares Maleval (Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Brasil)

Paulo Fernando Henriques Britto (Pontifícia Universidade Católica, RJ, Brasil)

Ria Lemaire (Universidade de Poitiers, França)

Rui Carvalho Homem (Universidade do Porto, Portugal)

Vima Lia Rossi Martin (Universidade de São Paulo, Brasil)

Pareceristas *ad hoc*

Anelito de Oliveira (Universidade Estadual de Montes Claros)
Antônia Marly Moura da Silva (Universidade Estadual do Rio Grande do Norte)
Daniel Antonio de Sousa Alves (Universidade Federal da Paraíba)
Elisa Mariana de Medeiros Nóbrega (Universidade Estadual da Paraíba)
Expedito Ferraz Júnior (Universidade Federal da Paraíba)
Fernando Fiorese (Universidade Federal de Juiz de Fora)
Flaviano Maciel Vieira (Universidade Federal de Pernambuco)
João Batista Sales (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)
Joelma Santana Siqueira (Universidade Federal de Viçosa)
Júlio França (Universidade Estadual do Rio de Janeiro)
Kênia Maria de Almeida Pereira (Universidade Federal de Uberlândia)
Leonardo Francisco Soares (Universidade Federal de Uberlândia)
Monaliza Rios Silva (Universidade Federal Rural de Pernambuco)
Moama Lorena de Lacerda Marques (Universidade Federal da Paraíba)
Raíra Costa Maia de Vasconcelos (Universidade Federal de Pernambuco)
Ricardo Carvalho (Universidade de São Paulo)
Rinah de Araújo Souto (Universidade Federal da Paraíba)
Wilson Flores (Universidade Federal de Goiás)
Wilton Marques (Universidade Federal de São Carlos)
Zélia Monteiro Bora (Universidade Federal da Paraíba)

Apoio

Este número contou com o apoio da Fundação de Apoio à Pesquisa (FAPESQ), Termo de Outorga nº 045/2019.

This issue was supported by the Research Support Foundation (FAPESQ), Grant Term No. 045/2019.



As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do/s autor/es, e não necessariamente refletem a visão da FAPESQ.

2019

POESIA, REVISÃO HISTORIOGRÁFICA E AUTORIA

A descrição de uma série de autores ou de um conjunto de obras em perspectiva insinua, quando não simula, certa ideia de tradição como se houvesse um fio condutor racional, que permitisse acesso às obras como um equivalente da linearidade histórica. Sem ignorar as premências do devir da história, que requerem sempre acuidade a seu observador, aqui se esboça uma tentativa de atualizar algo que se queria como literatura brasileira, desde quando essa produção estivesse radicada na América portuguesa até os dias atuais, que, sem amparo epistemológico seguro que nos emparelhe ao próprio tempo de agora, confina-nos à imprecisão e à vagueza da contemporaneidade. Por conseguinte, os vazios são imensos e as escolhas autorais necessariamente arbitrárias, porquanto são parciais, uma vez que não se intenta nem se acredita mais na totalidade de um discurso, de um método ou de um gênero. E o gênero acionado foi justamente o lírico, haja vista que tradicionalmente tem se atribuído à poesia a tarefa de constituir a ambiência propícia para a especulação subjetiva. Sendo, pois, o ancoradouro mais seguro da *persona* literária, a poesia inflecte objetivamente sobre a descrição historiográfica justo por permitir a exibição e a interferência de vozes autorais tão explícitas quanto possível.

Não parece ser casual que boa parte dos artigos aqui reunidos tematize ou aborde a voz de alguma mulher, inclusive quando apreciada por estudioso do sexo masculino, o que dá a entender que, mais do que uma vertente literária, trata-se de uma demanda efetiva: nem tanto por falar das autoras atuais – o que também foi feito e este número registra –, mas, muito mais, por mostrar que a tradição literária está cravejada de poesia feminina, que se faz ocasionalmente feminista, o que não estava de todo colocado para Mariana Luz, nem para Cecília Meireles, tampouco para Gilka Machado e menos ainda para Adalgisa Nery, cujas obras foram frequentadas de modo diverso. Sob tal perspectiva, a historiografia interessa à proporção que estrutura certa compreensão literária, que é necessariamente histórica e constitutiva da tradição, sem ignorar as exclusões e os ocultamentos também praticados por ora, com o singelo diferencial de assumir e de pronunciar os vazios e as faltas constitutivos do próprio discurso historiográfico como sendo uma condição sua.

Os artigos que se seguem propuseram um olhar revisionista para a historiografia literária brasileira em estudos particularizados, pela autoria ou pela compreensão de poesia em voga. Em coerência ao tema proposto, organizamos os artigos visando uma linha cronológica das obras estudadas, percorrendo a poesia brasileira do século XVIII ao XXI. Sob tal critério, o primeiro artigo destacará o século XVIII, no artigo de Samuel Carlos Melo e Tiago de Jesus Vieira, o qual propõe um olhar revitalizador sobre os estudos de um poema pouco estudado de

Silva Alvarenga, *O desertor*, de 1774. Os autores, ao abordarem a obra à luz do prefácio “Discurso sobre o poema herói-cômico”, não somente referenciam as leituras e respectivos critérios que situaram a obra de Alvarenga na historiografia da literatura brasileira, mas também remetem às convenções poéticas e retóricas que orientaram as letras no século XVIII. O século XIX será cotejado em “(Anti)retórica em Gonçalves de Magalhães”, por Jean-Pierre Chauvin, que verifica nos textos tidos como marca do início do romantismo no Brasil procedimentos discursivos que confrontam os postulados do movimento a que ele se propunha disseminar.

A tonalidade revisionista proposta pelo dossiê também se faz presente nos quatro textos subsequentes, todos referentes ao século XX. Cristiane Navarrete Tolomei chama a atenção para uma ausência na historiografia literária brasileira, ao recuperar poemas da escritora maranhense Mariana Luz, autora que no final do século XIX e início do século XX tinha uma atuação bastante expressiva na imprensa periódica da região. Ilca Vieira de Oliveira confirma este movimento de revisitar autores e obras que não foram ainda devidamente contemplados, ao retomar o primeiro livro de poemas de Cecília Meireles, *Espectros*, publicado em 1919, discutindo os olhares críticos e a recepção dessa obra, que inclusive havia sido renegada pela autora. Gilka Machado é outra autora do início do século XX que, apesar de já ter sido reconhecida como expressiva pela crítica literária, é retomada por Anélia Montechiari Pietrani sob uma perspectiva mais modernista. Ainda sobre o século XX, Éverton Barbosa Correia propõe localização mais precisa para Adalgisa Nery na historiografia literária brasileira, autora ainda pouco frequentada pela crítica literária apesar de sua inserção no cenário modernista, ao ressaltar o caráter individualista e peculiar de sua voz poética.

De maneira mais panorâmica, mas ainda privilegiando a poesia de mulheres, Ana Elisa Ribeiro e Mário Vinícius Ribeiro Gonçalves desenvolvem uma reflexão sobre a presença de autoras nas revistas literárias de Minas Gerais, no período entre a década de 20 até o fim da década de 40, considerando além dos textos literários, outras fontes, como apontamentos críticos e teóricos, jornalísticos, obras visuais, entrevistas e depoimentos. E, finalizando o dossiê, Leonardo Davino de Oliveira questiona as releituras que os canceiros atuais fazem dos poemas dos séculos anteriores e como esse processo questiona e redimensiona os registros historiográficos que sugerem um cânone da literatura brasileira, tal como todo cânone existe para ser revisto e atualizado.

João Pessoa, dezembro de 2019.
Elaine Cristina Cintra e Éverton Barbosa Correia
(Organizadores do dossiê)

NOTA DOS EDITORES: SESSÃO OUTROS ARTIGOS

Além dos nove artigos que compõem o dossiê *Poesia, Revisão Historiográfica e Aatoria*, este número conta ainda com três contribuições na seção “Outros Artigos”. Em “A escrita da história: uma escrita poética”, Tairon Villi e Hector Guerra Hernandez analisam as proposições de aproximação entre o fazer historiográfico e o fazer literário e apontam convergências em seus mecanismos discursivos.

Em “Ciúme, exílio e poesia em Machado de Assis”, Rogério Fernandes dos Santos apoia-se em um *corpus* composto por *Helena* (1876), *A mão e a luva* (1874) e *Dom Casmurro* (1899) para expandir formulações feitas por Silvino Santiago e inserir questões como exílio, ciúme e espaço social como parte do repertório estrutural do romance machadiano.

Finalmente, em “Intersecções Brasil-Nigéria: a representação da maternidade nas obras *Um defeito de cor* e *The joys of motherhood*”, Danielle de Luna e Silva e Maria Elizabeth P. Souto Maior apresentam uma análise comparativa da representação da maternidade negra nos contextos do Brasil e da Nigéria, desvendando como as autoras das obras, em diferentes contextos sócio-históricos, problematizam e desconstroem tal construto cultural ao oferecer representações que confrontam e ressignificam a própria ideia do que seria o amor materno.

Boa leitura!

João Pessoa, dezembro de 2019.
Os Editores